

## CAPÍTULO 3

### Uma análise das aflições

**N**ão podemos buscar a solução de nenhum problema se não nos fizermos algumas perguntas sinceras. Necessitamos de coragem para fazê-las, mas podem resultar em um princípio de resposta.

#### ESSAS AFLIÇÕES OU PROBLEMAS SÃO EXCLUSIVOS?

Dito de outra maneira: os outros não passam por isso? Não há casos de pessoas que têm problemas muito piores e elas os consideram como parte da vida? Realmente são particularidades da vida ministerial ou simplesmente pretendemos que Deus nos premie com uma imunidade a problemas que nunca nos prometeu, muito pelo contrário?

Anos atrás um pastor muito consagrado, merecedor de todo respeito, não deixava passar nenhuma assembleia sem dar um exemplo. Segundo ele, o pastor necessita de um apoio financeiro especial porque sua vida se desenvolve em quatro círculos: o pessoal, o familiar, o da igreja e das suas demais relações. Recordo também que, cansado de ouvir esse exemplo repetido, meu pai comentou com muita ênfase que, depois de tudo, o mesmo ocorre com qualquer pessoa, talvez mudando o nome dos círculos, mas que a diferença não é substancial.

Isso me faz lembrar uma outra vez em que ele se despedia de um missionário que ia para um lugar bem distante. Os discursos

insistiam sobre o sacrifício, as dificuldades, quase diríamos o heroísmo. Alguém comentou acidamente com minha mãe: “O banco está me transferindo para a mesma região, porém como não sou pastor, mas um simples empregado, ninguém considera que estou realizando um ato heroico”. Um missionário estrangeiro comentou comigo de seu reiterado incômodo quando em seu país, em sua presença, falava dos grandes sacrifícios que implica ir a terras distantes, cheias de perigos, etc., quando honestamente ele nunca tinha visto nenhum tigre, nenhum canibal...

Só para dar um exemplo, destaquemos uma frase que pode ser uma de nossas queixas habituais: “É preciso viver ocupando-se dos problemas alheios sem poder atender aos próprios ou aos da família”. É certo, porém não é exclusivo. O médico deve atender aos enfermos, correndo o risco de contagiar-se, ou ainda suportando sua própria febre. O advogado luta por riquezas alheias. O empregado trabalha para empresas cujos ganhos não desfruta e às vezes nem conhece quem os desfrute. A vendedora passa sua vida vendendo roupas ou utilidades domésticas que não tem e que não só quer, mas necessita. E até – perdoe-me – o gari tem de andar recolhendo o esterco do cavalo dos outros!

### TEMOS DIREITO DE NOS QUEIXAR?

Prossigamos em tom de pergunta: não sabíamos disso? Talvez totalmente não, como não se conhece nada até que se vive; porém todo aquele que entrou no ministério tem visto talvez de perto seu próprio pastor e em muitos casos passou por um seminário onde pôde saber muitas coisas. Quem nos obrigou a entrar no ministério? (Se alguém entrou por obrigação, não siga lendo e pare agora mesmo). Se entramos por nossa própria decisão – e vocação –, temos de enfrentar os problemas e as

lutas. Ou queremos frutos sem primeiro trabalhar? Este é um dos exemplos que Paulo nos dá em 2 Timóteo 2; o soldado deve lutar, o atleta deve treinar bem, o agricultor deve trabalhar (literalmente), o obreiro deve capacitar-se. Perguntemo-nos: será que não tínhamos lido essas passagens antes de entrar no ministério? Ou não as levamos a sério e as consideramos apenas como imprecisões teológicas?

#### SÃO TÃO GRAVES?

Apressemos-nos a dizer que sim, que podem ser graves, muito graves, mais graves do que podemos imaginar e que só Deus sabe como alguns companheiros de ministério podem suportar algumas coisas. Basta ler, por exemplo, uma biografia de John Wesley para se sentir atônito... e humilhado.

Porém, é preciso reconhecer algumas coisas. Será que não surge no ministro cristão, por todas as razões que esboçamos na primeira parte, um instinto perfeccionista? Como é indiscutível que os outros nos querem perfeitos, nós também queremos ser perfeitos e nos autoflagelamos por não sermos. Para alguns parece uma obrigação andar sem dinheiro ou julgar pouco consagrado o colega que tem. Parece-lhes “mais piedoso” ir a pé ou em um ônibus e escandaloso como o adultério pegar um táxi. Que ir a um piquenique com os filhos no dia de seu aniversário seja visto como perda de tempo quando “se tem tanto a fazer”. E assim por diante.

Analisemos bem as passagens bíblicas sobre os requisitos para o obreiro cristão e veremos que, quanto a sua vida cristã, não se exige nada que não seja exigido de qualquer outro cristão.

Talvez, como já temos indicado, não haja ministro de Cristo que não sinta de alguma forma que ora pouco, estuda pouco a Bíblia, atende poucas pessoas e, em outro sentido, tem poucos

resultados. Aqui temos de repetir que nossa missão não é fazer todo o trabalho do mundo, tampouco tudo o que podemos, mas simplesmente *tudo o que devemos*.

Nesse sentido será útil ler 2 Coríntios 1.12, onde Paulo já expõe o que será a tese, por assim dizer, de toda carta: “ESTE É O NOSSO ORGULHO: A NOSSA CONSCIÊNCIA DÁ TESTEMUNHO DE QUE NOS TEMOS CONDUZIDO NO MUNDO, ESPECIALMENTE NO NOSSO RELACIONAMENTO COM VOCÊS, COM SANTIDADE E SINCERIDADE PROVENIENTES DE DEUS, NÃO DE ACORDO COM A SABEDORIA DO MUNDO, MAS DE ACORDO COM A GRAÇA DE DEUS”.

Notemos que Paulo não se limita a tranquilizar suas inquietudes, mas fala de sua *glória*. Será que nós nos atreveríamos dizer que nossa glória é ter a consciência tranquila de que, diante de Deus, temos feito o que é devido? Se é assim, isso basta, ainda que o mundo inteiro nos critique. Sem dúvida, Paulo não tinha deixado as coisas ao acaso: tinha consultado Deus, tinha traçado cuidadosamente seus planos, criado um critério e lutado com todas as forças. Agora os coríntios lhe criticavam. Pois bem, no fim das contas, sua glória não era o aplauso ou a gratidão que os coríntios lhe negavam, mas o que sua própria consciência lhe dizia, apesar de que podia considerar que com os coríntios tinha fracassado em muitas coisas! Porém, ao contrário, ele dizia: “... O ORGULHO QUE TENHO DE VOCÊS...”! Dos coríntios!

#### **POR ACASO NÃO PODE SER QUE ALGUMAS DE NOSSAS AFLIÇÕES SEJAM CULPA NOSSA?**

Naturalmente, na maior parte dos casos não são (será isso uma autodefesa?), porém temos de ter cuidado para não nos queixar sistematicamente sem analisar realmente a fundo a causa dos problemas.

Vejamos alguns exemplos. Temos problemas financeiros, o que é quase normal na vida ministerial. Porém, por que há tanta diferença entre um obreiro e outro? Será que realmente necessitamos das coisas que gastam nossos poucos recursos? Temos feito um planejamento adequado e o temos cumprido ou gastamos desordenadamente? Tem sido necessário entrar em dívidas ou pedir empréstimos que não sabemos se vamos poder pagar?

Temos problemas com nossos filhos ou a possibilidade de atendê-los. Mas o problema está no tempo ou na forma em que os atendemos? Muitas vezes uns poucos minutos, bem significativos e profundos, suprem muitos passeios e distrações que honestamente não lhes podemos dar. Se não podemos estar em sua festa de aniversário, porque temos um congresso em outra cidade ou simplesmente uma das infinitas reuniões de trabalho, temos cuidado em deixar algumas linhas descrevendo que nos alegamos em Deus por seus progressos nesse ano?

Temos problemas de saúde. Porém, será que não podemos nos cuidar mais ou melhor? Não há coisas que podemos deixar em outras mãos? Não podemos fazer as pausas que a natureza indica?

Sofremos por nossa falta de vida espiritual, porém realmente temos dado a ela a devida importância ou padecemos da mesma vergonha – é triste comprovar – de nosso povo cristão, que deixa de falar de suas descobertas espirituais? Muitas vezes temos pregado sobre a necessidade de uma disciplina, um método que nos ajude, porém nos dedicamos a cuidar da vida espiritual dos outros, a ponto de deixar que a nossa se esgote... ou seja, que chegue o dia em que não tenhamos o que dar aos outros. Tenho ouvido falar sobre a forma como William C. Morris vivia, sem rodeios, uma profunda vida espiritual. Alguém me contou

30 - AFLIGIDOS PARA CONSOLAR

que um dia foi vê-lo. Em uma espécie de antessala havia várias pessoas que não eram precisamente necessitadas. Alguém então lhe disse: “Terá de esperar, pois o senhor Morris está orando”. Depois de um tempo ele saiu, muito apressado, e disse que só poderia atendê-lo se fosse com ele em um táxi... para levar um cachorro ao veterinário. E a primeira coisa que fez quando chegaram ao carro foi lhe pedir para que orasse pela saúde do animal! Sem comentários.

São apenas exemplos. Servem para incentivar a imaginação de cada um em sua própria situação e preparar-nos para nosso último ponto.